

A escola como lugar de emancipação política: uma leitura filosófica dos escritos de educação do pensador Adorno

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.1.10372>

Antonio Charles Santiago Almeida¹, Rafael Vidal Gemin², Valkiria de Novais Santiago³

Resumo: A questão capital da pesquisa foi, no primeiro momento, fazer uma digressão do pensamento de Adorno, no que toca à relação entre cidadania e política e, posteriormente, promover um debate em torno da educação política e suas configurações culturais. Adorno argumenta que a razão instrumental, ao invés de emancipar, contribui para a perpetuação de uma nova barbárie na sociedade capitalista industrializada, sendo que a educação deve transcender a mera reprodução de conhecimentos técnicos e habilidades, promovendo a emancipação dos indivíduos. É necessário um currículo que incentive o pensamento crítico e a reflexão autônoma, contrapondo-se à conformidade e memorização. A pressão por resultados quantificáveis e a competitividade são apontadas como fatores que limitam a capacidade crítica dos alunos, perpetuando a dominação. Adorno também enfatiza que o talento não é um atributo inato, mas uma construção social influenciada pelas oportunidades e desafios enfrentados pelo indivíduo. Nesse contexto, os educadores devem atuar como agentes de transformação social, promovendo uma educação emancipadora, que questione e influencie as estruturas sociais existentes. A análise revela que, apesar dos avanços tecnológicos, a educação ainda enfrenta desafios significativos para se tornar um instrumento efetivo de emancipação. A teoria de Adorno sublinha a necessidade de uma revisão profunda das práticas educacionais, visando transformar a escola em um ambiente que privilegie o desenvolvimento da crítica, autonomia e sensibilidade.

Palavras-chaves: Emancipação, Educação, Ensino, Política.

The school as a place of political emancipation: a philosophical reading of the educational writings of the thinker Adorno

Abstract: The main question of the research was, initially, to digress from Adorno's thoughts regarding the relationship between citizenship and politics and, subsequently, to promote a debate around political education and its cultural configurations. Adorno argues that instrumental reason, instead of emancipating, contributes to the perpetuation of a new barbarism in industrialized capitalist society, and education must transcend the mere reproduction of technical knowledge and skills, promoting the emancipation of individuals. A curriculum is needed that encourages critical thinking and autonomous reflection, as opposed to conformity and memorization. The pressure for quantifiable results and competitiveness are highlighted as factors that limit students' critical capacity, perpetuating domination. Adorno also emphasizes that talent is not an innate attribute, but a social construction influenced by the opportunities and challenges faced by the individual. In this context, educators must act as agents of social transformation, promoting an emancipatory education that questions and influences existing social structures. The analysis reveals that, despite technological advances, education still faces significant challenges in becoming an effective instrument of emancipation. Adorno's theory highlights the need for a profound review of educational practices, aiming to transform the school into an environment that favors the development of criticism, autonomy and sensitivity.

Keywords: Emancipation, Education, Teaching, Politics.

¹Professor Associado de Filosofia e Sociologia da Unespar, Campus de União da Vitória

²Doutorando do programa de Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Professor no projeto de extensão Sanda: Filosofia marcial formando cidadãos da Unespar, Campus União da Vitória.

³Professora do Colegiado de Pedagogia da Unespar, Campus de União da Vitória.

Introdução

De acordo com Adorno e Horkheimer, na obra *A Dialética do Esclarecimento*, a proposta kantiana iluminista de esclarecimento como emancipação dos indivíduos não trouxe apenas a razão como instrumento de emancipação, como também, a razão instrumental como condição de crença e mito, isto é, justificadora de uma sociedade que tende a barbárie. Segundo os autores: “Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie” (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 39).

Nesse sentido, a urgência é, segundo os escritores da *Dialética do Esclarecimento*, retomar a compreensão de racionalidade e dialetizar com uma práxis cotidiana. Isso, porque em nada contribui o uso extremado da racionalidade para a configuração de um mundo que avança, do ponto de vista tecnológico, que perdura, de forma primitiva, no uso da violência, da intolerância e da barbárie.

Dessa forma, de posse da compreensão conceitual de educação e cidadania, pretendeu-se, a partir dos excertos do pensamento de Theodor W. Adorno, analisar de forma sistemática as configurações de cultura que permeiam a escola. Isto é, como que, depois de tamanho desenvolvimento tecnológico, do avanço científico, a escola permanece indiferente aos problemas relacionados aos direitos básicos da vida humana, quer dizer, como que a barbárie se promulga na sociedade com justificativa banal e ideológica. Intentou-se, ainda, investigar o porquê de a escola tangenciar questões relacionadas à barbárie e desqualificar o debate, na medida em que aparta os alunos da problemática política e social, tornando-os instrumentos dos currículos e, segundo Mészáros (1997), presas de um modelo ideológico, arbitrário e inconsequente, que tem como tutela o mercado de trabalho.

Adorno aponta que a sociedade capitalista industrializada tende a promover uma forma de racionalidade instrumental, que objetifica tanto os indivíduos quanto os processos educacionais. Nesse contexto, a escola, muitas vezes, reproduz as relações de poder e dominação existentes na sociedade, ao invés de questioná-las. O autor critica a educação tradicional por sua ênfase na conformidade, na memorização de informações e na preparação dos alunos para se ajustarem a estruturas sociais opressivas (Adorno, 2024).

A reflexão adorniana reivindica da educação um caráter dinâmico, quer dizer, não se trata de um espaço conteudista, de uma reprodução de um pensamento pensado, de um

saber ancorado nas teorias dominantes de autoridade e conservação dos interesses do Estado. Pelo contrário, educação pressupõe emancipação, sensibilidade, racionalidade e cidadania. Todavia, de posse das particularidades conceituais, é possível clarificar um debate que, ora, encontra-se despercebido no seio educacional. Por esse motivo, Adorno argumenta, na obra *Educação após Auschwitz*: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para educação. De tal modo ela precede quaisquer outra que creio não ser possível nem necessário justificá-la”. (1995, p. 119). Tal afirmativa aponta a necessidade de se pensar a realidade sociocultural na escola, sobretudo, repensar a cultura política à luz de um posicionamento dialetizante no que concerne à relação escola e sociedade dentro do Estado Moderno.

A partir dessa visão, Adorno propõe a teoria da emancipação na escola, que trata de uma reflexão crítica sobre o papel da educação na sociedade contemporânea, especialmente em relação à possibilidade de libertação dos indivíduos das estruturas opressivas e alienantes. O argumento é que a educação deve ir além da mera transmissão de conhecimento e habilidades técnicas, tornando-se um instrumento de emancipação humana. Para isso, faz-se necessário uma educação que estimule o pensamento crítico e a reflexão autônoma. Ele acredita que a verdadeira emancipação só pode ser alcançada por meio de uma educação que capacite os indivíduos a questionarem as estruturas sociais e culturais dominantes, bem como a perceberem as contradições e injustiças presentes na sociedade (Oliveira; Fortunato; Abreu, 2022).

Dessa maneira, a discussão tomou como base as reflexões de Adorno e suas implicações para se pensar a realidade sociocultural da escola e como se faz urgente repensar a cultura política à luz de um posicionamento dialetizante no que diz respeito à relação escola e sociedade dentro do Estado Moderno.

Certo é que, no pensamento adorniano, não vigora uma teoria pedagógica acabada, tampouco ela existe. Entretanto, algo salta aos olhos de quem se depara com seus textos: a preocupação com a vida humana e seu pleno desenvolvimento. Não são raros os momentos em que os seus textos se empenham em teorizar a vida humana, igualdade de relações, direitos políticos e, de certa maneira, os destinos da humanidade. E, de forma bastante contundente, encontram-se os ensaios que foram proferidos em palestras e em canais de rádio: *Educação após Auschwitz*; *Educação contra a Barbárie*; *A filosofia e os professores*; *Tabus acerca do magistério*; *Educação para quê?* e *Educação e Emancipação*.

A questão capital da pesquisa foi, no primeiro momento, fazer uma digressão do pensamento de Adorno no que toca à relação entre cidadania e política e, posteriormente, promover um debate em torno da educação política e suas configurações culturais. Isso porque tratar dessa temática é recuperar o debate da barbárie e trazê-lo para o universo acadêmico, uma vez que há um conjunto de reflexões teóricas de Adorno que antepara a discussão e contribui para o que parece urgente: repensar os espaços políticos e culturais da sociedade contemporânea. No que toca à imbricação conceitual de cidadania e política, vistos isoladamente ou interpretados em seu conjunto sem uma fundamentação teórica, o debate em nada contribui para a compreensão da desbarbarização civilizacional proposta por Adorno.

Dessa forma, de posse da proposta apresentada, urge uma fundamentação adorniana no que concerne o municiamento de um diálogo lógico e preciso, seja pela longa digressão histórica dos conceitos de cidadania, política e educação, seja pela influência das obras do pensador em questão — no que permite a formação de novos entendimentos para se pensar e compreender o papel de enfrentamento da escola e das políticas contra a cultura da barbárie.

Desenvolvimento

As inquietações suscitadas por Adorno são questões já elaboradas e tematizadas por outros pensadores. O que não significa uma repetição, para além disso, uma contribuição inovadora com perspectivas singulares para o debate que cerca a temática. O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) percebe uma forma de *décadence*, no que se refere à modernidade política, pois a ideia de igualdade, defendida pelos ideais socialistas do século XIX, qualifica o homem como “animal de rebanho”. Portanto, restaria à humanidade, após a ressaca de uma decadência política, o surgimento dos filósofos legisladores, isto é: “Após o fim da crença de que um deus dirige os destinos do mundo [...] os próprios homens devem estabelecer para si objetivos ecumênicos que abranjam a terra inteira”. (Nietzsche, 2005, p. 33) A partir dessa inovação, o homem renuncia à ideia de ser guiado pelos deuses ou por outros homens e assume a responsabilidade de si próprio.

Nesse registro temático, nota-se que Ortega y Gasset (1883-1955) persegue o mesmo expediente nietzschiano, mas não dispõe do mesmo entusiasmo, quer dizer,

acredita que a civilização caminha para a barbárie, pois na modernidade o que se assiste é, justamente, a rebelião das massas ao poderio social. Segundo Ortega: “este personagem, que agora anda por todas as partes e impõe sua barbárie íntima em todos os lugares, é, de fato, o menino mimado da história humana”. (Ortega, 1997, p, 130). Não dispõe, Ortega, de uma crença de um novo homem, pois a civilização fez surgir o homem-massa, isto é, um sujeito genérico e sem consciência, uma espécie de bárbaro contemporâneo.

Nesse bojo de desencantamento é que se pode, em princípio, analisar Theodor Adorno. Suas reflexões são pontuadas por um agudo pessimismo, ou seja, não dispõe de esperança para com os destinos da humanidade, pois segundo ele:

Como pode um mundo tão desenvolvido cientificamente apresentar tanta miséria? Este é o problema central: o confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções racionais (...). Assim como o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por encontrar-se vinculado a uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional. Como pôde um país tão culto e educado como a Alemanha de Goethe desembocar na barbárie nazista de Hitler? (Adorno, 2006, p.15)

A questão capital é que, para o pensamento adorniano, não se trata de desenvolvimento científico ou tecnológico, mas de uma tomada de consciência do sujeito que integra esse universo civilizacional. A reflexão é tomada em outro sentido, quer dizer, não de municiar a ciência com falsas crenças de progresso, mas, antes de tudo, refazer o caminho da humanidade com vistas ao processo de emancipação política. Nesse caso, retoma a discussão de maioridade kantiana e exige da humanidade uma tomada de consciência emancipatória.

Adorno (2024) aponta a emancipação como a libertação dos indivíduos da dominação e alienação impostas pelas estruturas sociais. Ele destaca que o modelo educacional deve fomentar a autonomia intelectual e a capacidade de reflexão crítica nos estudantes, para que possam resistir à manipulação e à conformidade, produzindo pensamentos independentes e promovendo a consciência social. Todavia, essa abordagem enfrenta desafios significativos no ambiente escolar moderno, onde, muitas vezes, prevalece a ênfase na padronização e na eficiência técnica.

Decerto que, com o advento da sociedade burguesa, o homem se desumaniza, o trabalho se precariza, a violência se banaliza, a miséria engrossa suas fileiras e a barbárie se configura como solução para os males contemporâneos. *Auschwitz* nunca esteve tão

próximo. Seus horrores são silenciados nos escombros do império capitalista. O medo adorniano se configura como realidade, pois a barbárie é condição capital da sociedade burguesa. E como se não bastasse, a educação em nada tem contribuído para a reflexão do real problema que assola o cotidiano moderno, isto é, o espetáculo da barbárie.

Nesse ponto, Adorno (1995) identifica a possibilidade de a educação contribuir para os processos de emancipação e transformação da realidade social, por meio da mudança nas estruturas e práticas educacionais, que podem modificar um quadro de dominação que funda a própria educação moderna. Faz-se necessário, portanto, retomar conceitos fundamentais da filosofia adorniana, como ao recorrer ao discurso de Kant, em que constrói críticas, inicialmente, à relação direta entre minoridade e emancipação defendida por este. Adorno entende que a emancipação só é possível quando há coragem nas tomadas de decisões sem a necessidade de uma orientação (Adorno, 2024).

Ao analisar o ambiente escolar contemporâneo, destaca-se que a visão de Adorno sobre a emancipação do estudante enfrenta obstáculos. Verifica-se que a mercantilização da educação e a prevalência de currículos centrados em habilidades técnicas e mensuráveis tendem a limitar a oportunidade de desenvolver a capacidade crítica, pilar central de sua teoria de emancipação. Destaca-se, ainda, que a pressão por resultados quantificáveis e a competitividade podem restringir o espaço para o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão ética. Para o autor, essa situação representa uma forma de perpetuação da dominação, pois impede o desenvolvimento pleno do potencial humano (Adorno, 2024).

Não se trata, segundo Adorno, de modelar o ser humano ou, ainda, de transmitir conteúdo, mas de produzir uma consciência crítica ativa em oposição à consciência coisificada. Nesse sentido, a consciência crítica ativa constitui o princípio de uma educação política.

No entanto, a emancipação não pode ser apontada como meta inalcançável no ambiente escolar moderno. Adorno (2024) destaca que ela pode ser promovida por meio de práticas pedagógicas que incentivem a reflexão crítica, o diálogo e a análise das relações de poder. Para que essa abordagem se concretize, julga-se necessário que professores adotem uma postura crítica e estejam dispostos a questionar, bem como desafiar as normas estabelecidas, incluindo a promoção de debates, a análise crítica de textos, de eventos históricos, inclusive o estímulo à curiosidade intelectual, criando, assim, um ambiente educacional que favorece a emancipação.

Na sequência de seu pensamento, Adorno (2024) constrói um debate acerca do talento, apontando que ele não é um fator nato, previamente conferido aos homens, mas que se trata de uma construção social a depender dos desafios enfrentados pelo indivíduo. Desse modo, complementa o autor, que é possível desenvolver o talento quando se aprende por meio da motivação, fato que estreita o caminho para a emancipação.

Adorno (1995) aponta que os educadores são capazes de agir como agentes de transformação social, assumindo o papel de intelectuais orgânicos em benefício das classes subalternas. No entanto, faz-se necessário não ignorar o momento em que a educação pode desafiar e influenciar as próprias estruturas sociais. Paulo Freire corrobora com tal pensamento, no contexto brasileiro, e afirma que:

A aprendizagem do professor ao ensinar não se dá necessariamente pela retificação que o aluno faz dos erros cometidos. A aprendizagem do professor na docência se percebe quando o professor, humilde, aberto, está permanentemente disponível para repensar o que pensa, para se ver em suas posições, buscando se envolver com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos percorridos. Alguns desses caminhos são percorridos pela curiosidade dos alunos, repletos de sugestões, com dúvidas antes não percebidas pelo professor. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos da sua curiosidade – razão pela qual o seu corpo consciente, sensível, emocional está aberto às adivinhações dos alunos, ao seu engenho e à sua criatividade – o professor que atua dessa forma tem, em seu ensino, um momento rico de seu aprendizado. O professor primeiro aprende a ensinar, mas aprende a ensinar ensinando algo que se reaprende porque está sendo ensinado (Freire, 2001, p. 259).

Neste modo de compreender o processo de ensino-aprendizagem, em que o professor adota simultaneamente o papel de professor e aluno, Freire destacou a importância democrática da educação. Longe de ser apenas detentor do conhecimento, o professor é visto como um aprendiz em constante evolução. Ao transmitir o que sabe, ele também revitaliza seu próprio conhecimento e assume o papel de mediador, colaborador e, por vezes, intérprete do conhecimento (Baade et al., 2023). Ao adotar o papel de mediador do conhecimento, o professor auxilia o aluno na compreensão do conteúdo, ou seja, seu entendimento, sua problematização, não meramente sua memorização (Dias, 2021).

O presente trabalho de pesquisa teve como finalidade fazer um amplo levantamento da relação existente entre os conceitos de cidadania, política, cultura e educação. De início, trata-se de um tema extensivamente teórico e de compilação entre os conceitos que nortearam a pesquisa como foco central de análise. Uma vez cumprida

essa primeira etapa, os esforços serão direcionados a uma síntese, cujo resultado deve apresentar, com riqueza analítica, a presença do tema entre os conceitos capitais em questão, bem como um aprofundamento da leitura dos textos adornianos. Contemplada essa etapa, foi feita uma busca das aproximações e afastamentos entre os conceitos de cidadania e política em relação ao tema que orienta as preocupações centrais do trabalho, com vistas à noção de educação e emancipação. Uma vez elaborada essa parte do trabalho, basicamente de levantamento e discussão bibliográfica, tem fim a primeira etapa acerca desse tema.

Considerações finais

Considera-se como condição fundante da cidadania, no entendimento adorniano, repensar a barbárie como filha bastarda da civilização, isto é, sua presença se faz sentir nos discursos e práticas cotidianas do homem moderno. Este, despossuído de singularidade e *coisificado* pela técnica moderna, bem como pela razão instrumental, torna-se depositário de uma realidade desumanizada. Nesse sentido, segundo Adorno, ou a sociedade repensa o modelo de educação, pautado em uma configuração política de emancipação, ou Auschwitz será cada vez mais gloriosa para, de forma organizada, promover o extermínio dos diferentes, dos excluídos e dos grupos minoritários.

Não é sem razão que a constatação de Adorno ainda se faz sentir atualmente, quer dizer, depois de algumas dezenas de anos, a sociedade permanece com as mesmas estruturas, ou seja, com discursos de intolerância, de ódio e de culto à nação. Repousa, segundo Adorno, nos espaços educacionais a esperança de uma sociedade emancipada e consciente dos direitos de ser livre, ser gente e ser cidadão. Repousa, ainda, a permanência de uma cultura esvaziada de poder mercadológico, voltada à elevação da alma aos recônditos do saber supremo.

Por outro lado, verifica-se o envelhecimento de teorias relacionadas à concepção de educação e cidadania. A história testemunha, desde os antigos gregos até os dias atuais, como, mesmo após intensa reflexão e produção intelectual, a escola ainda enfrenta os mesmos dilemas, especialmente no que diz respeito à emancipação do sujeito diante das adversidades impostas pelas circunstâncias. E, ainda, como um dos pilares — a preparação para a cidadania.

Não é sem razão que Aristóteles, no Livro VIII de *A Política*, reivindica do legislador uma atenção capital para a educação, sobretudo dos jovens, pois não havendo tal preocupação os resultados serão grandes prejuízos para a constituição da polis. Segundo o autor de *A Política*, a educação é dever do Estado e deve ser pública para que possa atender, indistintamente, os interesses do cidadão e sua efetiva felicidade.

Decerto, antes do pensamento aristotélico, encontrava-se o filósofo Platão. Este, na obra *A República*, desenho perfeito de cidade, abre espaço para uma ampla reflexão em torno da educação. O livro *VII de A República* esboça os fundamentos para o que seria, segundo Platão, a idealidade do ato educativo. Pode-se objetar que a discussão platônica circunscreve a ação do professor e não do Estado, isto é, o resultado para a harmonia da polis depende da ação “gloriosa” do professor. Uma espécie de missionário, ou seja, aquele que, ao libertar-se das sombras, do sensível e da aparência; depois de ter galgado os caminhos abruptos e, de forma penosa, atingir o inteligível, deve retornar ao encontro dos homens para lhes garantir luz, entendimento e, acima de tudo, a verdade. O professor é, segundo Platão, o agente da verdade, pois ele é, depois de toda uma caminhada, aquele que, tomando o aluno pelo braço, emancipa-o e o faz enxergar o mundo como tal a partir de sua função, quer dizer, filósofo-rei, guerreiro ou homem-comum.

A história guarda, de forma silenciosa, grandes teóricos que vão povoando o mundo com suas teorias, a partir de períodos e movimentos político-sociais. No entanto, toda a tentativa, no que tange à formulação teórica educacional, é para se chegar à compreensão do homem e sua formação social. Entretanto, a empreitada nunca fora tão fácil, pois quando a questão aventada é o entendimento do que se denomina *homem*, uma enxurrada de investigação e questionamento surge sem respostas.

Depois de tantos questionamentos, quase sempre sem respostas, busca-se a formação desse sujeito, desprovido de uma conceituação filosófica, para o seu desenvolvimento pleno na esfera social e política. De posse de questionamentos e elaborações teóricas, a questão é de observação, isto é, quais são os desdobramentos de toda uma carga teórica para uma práxis cotidiana? O mundo ainda dispõe dos mesmos problemas. A escola insiste na formação de seus indivíduos e as famílias não são depositárias de crenças na escola e seu papel político-social.

Mesmo com o advento do iluminismo e suas crenças na racionalidade, com fim nos instrumentos educacionais, o que se assiste é o degrading de uma escola que não dispõe de uma relação direta entre sujeito e sociedade, mas que se faz de forma isolada e

dissociada dos problemas cotidianos. Vale recordar a insistência do filósofo Kant e suas configurações para emancipar o sujeito por meio da racionalidade, quer dizer, libertar o homem da menoridade, das tutorias, dos mitos e lançá-lo na maioria absoluta. O ideário kantiano povoou a educação e sedimentou a crença de que era possível, por meio da escola, promover a racionalidade absoluta e a emancipação do sujeito como cidadão livre e consciente.

E, nesse contexto histórico, mesmo que apresentado aligeiramente, foi possível resgatar o debate no entorno da emancipação dos indivíduos por meio da educação proposta por um filósofo contemporâneo, Theodor Adorno, inclusive sua releitura crítica dos clássicos como Platão e Aristóteles, bem como da influência recebida pelos filósofos Nietzsche e Ortega.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2024.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 2006.
- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.
- ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: EdUnb, 1988
- BAADE, Joel Haroldo et al. Pierre Bourdieu And Paulo Freire: Interlocutions Of Two Critics Of Social Inequality In Education. **IOSR Journal of Business and Management**, v. 25, n. 12, p. 09-15, 2023.
- DIAS, Michel Aires de Souza. **Educação, formação cultural e emancipação em Theodor W. Adorno**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-264, 2001.
- KANT, Immanuel **Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?** In: *Textos Seletos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich, “**A Grande Política**” **Fragmentos**. In: clássicos de Filosofia: Fragmento Póstumo de 15 de fevereiro de 1887. In: Cadernos de Tradução nº 3. IFCH / UNICAMP, 2005

OLIVEIRA, Damião Bezerra; FORTUNATO, Izan Rodrigues de Souza; ABREU, Waldir Ferreira de. Aproximações entre Paulo Freire e Theodor Adorno em torno da educação emancipatória. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. e239149, 2022.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PLATÃO. **República**. Lisboa: Gulbenkian, 1993.

Submissão: 17/02/2025. **Aprovação:** 15/04/2025. **Publicação:** 25/04/2025.